

(4)



CADERNO DE LITERATURA

Porto Alegre - Dezembro de 2008 - Ano XII - nº 16



AJURIS

Associação dos Juízes
do Rio Grande do Sul



DETALHE DA OBRA 4 MENINAS, ÓLEO SOBRE TELA, 120 X 100 CM, DE MYRIAM DUTRA.

Myriam Dutra tem formação em Artes Plásticas e Letras. É Mestre em Ciências da Comunicação e Doutoranda em Comunicação Social. É Consultora em Gestão de Linguagens, Cultura e Comunicação Organizacionais. Foi selecionada para o 3º Salon International d'Arts Plastiques, em Barcelona; para o Salão Le Figuration Critique, em Paris; para o Salon Lês Independent, promovido pela Secretaria de Cultura de Paris; e para o Grand Marché d'Art Contemporain, em Berlin. Recebeu o Prêmio Aquarela Salão Internacional Arte Sur/Montreal/Canadá. Em seu atelier desenvolve cursos de Livre Expressão em Técnicas Combinadas, e em Processo Criativo e Cognição.

Associada da AJURIS, participa do Caderno de Literatura desde seu início, colaborando com várias edições da publicação.

O CADERNO DE LITERATURA, com este número, vence o seu segundo ciclo de vida.

Em 1996, ele foi criado como um dos projetos do programa DivulgaArte por José Carlos Laitano, tendo como objetivo propiciar espaço literário para os associados da AJURIS; magistrados, portanto.

Foi uma época de abrir portas. Até então, era difícil que o magistrado mostrasse sua arte; incomum a parceria artística com o restante da comunidade. Os primeiros números foram artesanais, Laitano assumindo todas as tarefas, inclusive, de diagramação. Com uma verba absolutamente irrisória.

Foi trabalho de grupo: Nathaniel Guimarães, Iara Guimarães, Mônica Ruschel, Sôniz Heinz, Carmem Chedid, Jorge Finatto, Ieda Dellandréa, Myriam Dutra, Carlos Legendre, Marília Nunes e Roseli Deon. Artistas de primeira grandeza e muita generosidade.

A partir do terceiro número foi convidado para assumir o Caderno o colega Jorge Adelar Finatto, poeta de boa cepa e formação em jornalismo. Finatto emprestou sua criatividade e experiência, conduzindo a publicação com a excelência a que fomos habituados.

Este ano, por razões próprias, Finatto deixou o Caderno e o fazer cultural da AJURIS, e quis o destino que ele retornasse ao seu criador, e Laitano, em pouco mais de um mês, reuniu o material, convidou as pessoas que iniciaram o *DivulgaArte* doze anos atrás, criou o Conselho de Administração do Caderno e, mais recentemente, o Conselho Editorial; aquele formado por magistrados e artistas plásticas esposas de juízes; este, por escritores e professores especializados em assuntos diversos como narrativa, poesia, filosofia, música, artes visuais e história, dentre outras áreas do conhecimento. A este Conselho caberá decidir pelo acolhimento das futuras contribuições enviadas para divulgação.

Este Caderno de Literatura enfatiza ser espaço para a criatividade dos magistrados, gaúchos e brasileiros, dedicados à tarefa de produzir textos. Com qualidade.

A José Carlos Laitano, Wilson Carlos Rodycz, Ruben Daniel Méndez Castiglioni, Myriam Dutra e Mônica Ruschel – membros do Conselho de Administração –, as nossas boas-vindas.

Carlos Cini Marchionatti
PRESIDENTE

Vanderlei Deolindo
VICE-PRESIDENTE CULTURAL

SUMÁRIO

- 04 A aventura machadiana ANTONIO MARCOS VIEIRA SANSEVERINO
10 Toda fotografia é um certificado de existência MÔNICA ESTEVE RUSCHEL
12 Trajeto / Perda / Esqueço as mortes UMBERTO GUASPARI SUDBRACK
13 Poema da partida / O Silêncio, Súbito CARLOS SALDANHA LEGENDRE
14 Nas Noites Escuras de Palmas NEI MITIDIERO
16 Lendo Emily Dickinson EMANUEL MEDEIROS VIEIRA
18 O dia em que choveu em Iquique JOSÉ CARLOS LAITANO
24 O general que matou o poeta HELIO SOUZA
25 Desjejum ADAIR PHILIPSEN
A mesma poesia PAULO FERRAREZE FILHO
26 Limitações AFIF SIMÕES NETO
29 Antes da pílula CLEBER AUGUSTO TONIAL
Tempo PAULO KRETZMANN
30 Viagem trágica ou mágica? ANELISE HAASE DE MIRANDA
32 Legado MARCIA KERN PAPALEO
34 Guernica FABIO VIEIRA HEERDT
Desafio MAFALDA DOS SANTOS
Quanto pode não se ver JESSICA DA ROSA BECK
36 O cinema polonês frente à liberdade TIAGO HALEWICZ
40 Uma chance para o entrevistado TULIO MARTINS
42 Sentença surrealista... surrealista (!) R. D. CASTIGLIONI
44 Coral da AJURIS IRINEU MARIANI

EXPEDIENTE

Presidente da AJURIS: CARLOS CINI MARCHIONATTI
Vice-Presidente Cultural: VANDERLEI DEOLINDO
Diretor do Departamento de Cultura: JOSÉ CARLOS LAITANO
Conselho Editorial: JOSÉ CARLOS LAITANO, WILSON CARLOS RODYCZ, RUBEN DANIEL MÉNDEZ CASTIGLIONI, MYRIAM DUTRA E MÔNICA RUSCHEL
Jornalistas Responsáveis: LISIANE OVIEDO (MTB 12.123), ELAINE CARRASCO (MTB 7535) E CLEBER MOREIRA (MTB 7691)
Revisão: FLÁVIO DOTTI CESA [PÓS TEXTO]
Projeto Gráfico: KÁTIA OZÓRIO [ARTÍFICIE DESIGN ESTRATÉGIA]
Pré-Impressão e Impressão: GRÁFICA NOVA PROVA
Apoio: BANRISUL

FUNDADO EM 13 DE JUNHO DE 1996 | O CADERNO DE LITERATURA NÃO É VENDIDO. TODOS OS AUTORES QUE CONTRIBUÍRAM NESTA EDIÇÃO CEDERAM AS SUAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS DE FORMA GRATUITA.

Associação dos Juízes do Rio Grande do Sul
Rua Celeste Gobbato, nº 81 – Praia de Belas Porto Alegre RS CEP 90110-160
Fone: 51 3284-9100 Fax: 51 3224-6844 E-mail: cadliteratura@ajuris.org.br Site na Internet: www.ajuris.org.br

A AVENTURA MACHADIANA

Em março de 1880, Machado de Assis começa a publicar *Memórias Póstumas de Brás Cubas* nas páginas da Revista Brasileira, que se estende até dezembro. No ano seguinte, o romance ganha a forma definitiva de livro. Pode-se dizer que esse é o acontecimento mais importante da literatura brasileira. A repercussão na época do lançamento, no entanto, não foi das maiores. E quando houve comentário sobre a obra, os leitores reagiam com desconcerto ou incapacidade de definir a natureza dessas estranhas *Memórias*, narradas por um defunto. Com que tipo de obra se estava lidando. Era um romance? Reflexões filosóficas?

Machado tinha, então, quarenta anos e uma trajetória intelectual consolidada. Era poeta, autor de *Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas*. Tinha escrito quatro romances: *Ressurreição*, *Helena*, *A mão e a luva* e *Iaiá Garcia*. Além de contos em revistas e jornais, publicara dois livros: *Contos fluminenses* e *Histórias da meia-noite*. Escrevia sistematicamente suas crônicas e era respeitado como crítico literário. Essa significativa produção não garantiria o lugar de Machado de Assis, como um grande escritor brasileiro. É apenas com a transformação de sua produção, com o início de uma nova fase, que ele começa a produzir sua grande obra, em prosa, nos contos, romances e crônicas. E o marco dessa mudança são as *Memórias Póstumas*.

Há muita controvérsia quanto aos motivos de tal mudança. Apontam-se desde motivos biográficos, como a volta da manifestação da doença, até a culminação de um projeto estético construído na atividade crítica e realizado na ficção romanesca na década de oitenta do século XIX. No presente artigo, não se pretende enfrentar tal polêmica. Interessa antes destacar que há uma trajetória biográfica de ascensão social (de tipógrafo a escritor reconhecido) e ao mesmo tempo uma passagem da crença liberal no poder transformador do jornal para um ceticismo entre melancólico e irônico.

Como se trata de vasta produção, não é possível comentar cada um dos gêneros produzidos por Machado, mas vamos nos esforçar para expor um impasse literário que o autor enfrentou. Para isso, cabe confrontar duas produções de 1878, um texto crítico dedicado ao estudo do *Primo Basílio* e o final de *Iaiá Garcia*.

Machado se concentra sobre *Primo Basílio*, de Eça de Queiroz, para criticar a falta de verdade no conflito da personagem Luíza. Ela se entrega ao adultério com seu antigo namorado, o primo Basílio, por inclinação. Perto da volta de viagem do marido, ela e o amante estão entediados, terminando a relação. Segundo Machado, o romance terminaria aí, na volta do marido, porque Luíza pro-

penderia a se acomodar no seu casamento, mas Eça aumenta a extensão criando o roubo das cartas por Juliana, empregada com desejo de enriquecer. Seria falta de verdade, porque o enredo na arte (diferente de uma simples anedota ou notícia de jornal) deve partir da natureza da personagem, de seu conflito moral. A mesma falta de organicidade Machado aponta nas adjetivações exageradas e nas descrições minuciosas (apenas inventários) com que Eça se desviaria do essencial para ficar preso ao acessório.

Neste ensaio, há um modelo de romance subjacente às críticas. Há um ideal de prosa romanesca, que estabelece de certo modo uma referência para a compreensão da obra machadiana. O autor deve colocar-se entre os exageros da escola romântica (olhar com os olhos da alma, com os excessos da imaginação) e os da escola realista (fixar-se na sensação imediata das coisas), a fim de preservar a verdade estética. Desse modo, Machado, enquanto crítico, não se volta contra os padrões românticos ou naturalistas, mas se posiciona contra processos compositivos cristalizados. Estes se tornam regras escolares, fazendo com que os autores esqueçam o real para se prenderem a traços estilísticos, desprovidos de sentido. Em termos romanescos, o crítico censura Eça de Queiroz por descer a detalhes escabrosos que não contribuem para a totalidade do romance e que apenas denunciam sua filiação ao Realismo de Zola. A intriga do romance seria tão frágil, que desmoronaria se Juliana não tivesse roubado as cartas de Luíza. Quer dizer, o conflito não seria expressão do sujeito, mas exterior a esse:

Não peço, decerto, os estafados retratos do Romantismo decadente; pelo contrário, alguma coisa há no Realismo que pode ser colhido em proveito da imaginação e da arte, mas sair de um excesso para cair em outro não é regenerar nada: é trocar o agente da corrupção.(...)

Resta-me concluir, e concluir aconselhando aos jovens talentos de ambas as terras de nossa língua, que não se deixem seduzir por uma doutrina caduca, embora no verdor dos anos. Este messianismo literário não tem a força da universalidade nem da vitalidade; traz consigo a decrepitude. Influi, decerto, em bom sentido e até certo ponto, não para substituir as doutrinas aceitas, mas corrigir o excesso de sua aplicação. Nada mais. Voltemos os olhos para a realidade, mas excluamos o Realismo, assim não sacrificaremos a verdade estética.
(Assis, v. III, 1994: p. 913)

Machado de Assis

A conclusão de Machado de Assis impressiona pela defesa da independência do artista. Trocar Romantismo por Realismo não é mudança substancial, pois em ambos os casos o artista não observa a realidade diretamente, mas vê apenas o que é previsto pela doutrina literária e constrói o texto a partir de um molde preestabelecido. É possível retirar dessa citação pelo menos uma constante machadiana: a necessidade da verossimilhança como marca da verdade estética. Daí decorre o desligamento da moda literária vigente, pois o artista não deve se preocupar em ser fiel a um modelo estético, mas antes em construir uma obra coerente e verossímil, capaz de representar um conflito humano possível.

Há, como princípio, a necessidade de se observar a natureza humana. Não se trata de cobrança de nacionalismo, de expressão de símbolos consagrados como a natureza e o índio enquanto traços da cor local brasileira. A observação e análise desejadas dizem respeito à composição do caráter humano, na convivência social, em que se cristalizam os hábitos em uma segunda natureza.

Iaiá Garcia é o romance machadiano mais denso escrito até então. Há uma interessante personagem, Estela, mulher pobre e atraente, que preserva sua dignidade e autonomia, resistindo às investidas de Jorge, pois a diferença social separava os dois. Ela acaba casando com Luís Garcia, viúvo, pai de Iaiá. Depois de retornar da Guerra do Paraguai, Jorge se aproxima de Luís, amigo da família. Iaiá, depois de descobrir que sua madrasta tivera amores por Jorge, tenta seduzi-lo com o objetivo de preservar o casamento do pai. Estela acompanha os amores de sua enteada com Jorge, e depois da morte do marido afasta-se para que Iaiá possa casar com Jorge. Desse romance, vejamos apenas o parágrafo final:

No primeiro aniversário de morte de Luís Garcia, Iaiá foi com o marido ao cemitério, a fim de depositar na sepultura do pai uma coroa de saudades. Outra coroa havia sido ali posta, com uma fita em que se liam estas palavras: – A meu marido. Iaiá beijou com ardor a singela dedicatória, como beijaria a madrasta se ela aparecesse naquele instante. Era sincera a piedade da viúva. Alguma coisa escapa ao naufrágio das ilusões. (Assis, v. I, 1994: p. 509).

Nesse trecho, Iaiá encontra na coroa de flores e nas palavras o gesto sincero da madrasta, a verdade do sentimento dela por Luís Garcia. O romance acaba

com a afirmação da dignidade humana, no beijo, no gesto de afeto que escapa “ao naufrágio das ilusões”. Esse final não parece o grande Machado de Assis, que vem depois de 1880. Assim, se juntarmos a crítica machadiana, que não se satisfaz com os modelos de prosa romanesca de sua época, e o romance convencional que ainda escreve em Iaiá Garcia, temos um impasse.

É um problema curioso: como fazer um romance de análise de caráter, que não seja romântico, nem naturalista? De todo modo, a melhor saída não é a forma convencional de Iaiá. O tema é interessante, mas a conciliação final aponta para o resquício ingênuo de Machado.

Memórias Póstumas de Brás Cubas vem a ser, então, a melhor e mais extrema resposta ao impasse apontado. Imaginemos o impacto do leitor da Revista Brasileira ao ler um capítulo como “óbito do autor”. Essa é uma virada não apenas na produção romanesca de Machado de Assis, mas também da literatura escrita na sua época. Se compararmos com *Iaiá Garcia*, evidencia-se a mudança na forma de narração. Mais do isso, sua escrita traz uma inovação radical desconhecida até então na literatura brasileira. No prólogo do autor à quarta edição, terceira em livro, Machado comenta o pasmo da crítica perante a obra, não sabendo se as Memórias eram um romance ou não.

O que há nesse romance que ainda hoje causa impacto? Um defunto autor. Ele pode ser o emblema a partir do qual se podem concentrar todos os comentários. Em primeiro lugar, existe uma cisão entre Brás Cubas, personagem, e o Brás Cubas, narrador. O personagem Brás viveu seus amores, teve expectativas políticas, fundou jornal, fez caridade, viajou e estudou. Enfim, foi um homem branco, senhor de escravos, um típico brasileiro da elite do século XIX. Morto, o narrador Brás Cubas, sem perder sua vaidade, conta tudo que quer, pois não precisa se preocupar com as aparências ou com a opinião dos outros:

Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim, a minha idéia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: – amor da glória. (Assis, 1994: p. 515)



Existe uma dualidade marcante em todo o romance, em que o narrador escreve usando a pena da galhofa (brincando com sua vida, ironizando com o leitor) e a tinta da melancolia (com a dor de uma perda insuperável, que torna tudo à volta desinteressante). A forma de dizer é debochada, o conteúdo é melancólico e o resultado é uma ironia corrosiva. As histórias de Quincas Borba e de Marcela são, ao mesmo tempo, cômicas e melancólicas. São figuras risíveis, mas seus dramas se encerram em situações patéticas, em que o homem perde sua razão e a mulher é destruída pela doença e miséria.

Segundo Roberto Schwarz (1990), Brás Cubas, narrador volúvel e não confiável, escreve sem pressa, em capítulos de tamanho desigual, ora breves, ora mais longos, saltando de um tema a outro. Alterna também trechos melancólicos como o final, o término da relação com Virgília ou a loucura de Quincas e trechos irônicos. Assim, o narrador inconstante varia seu modo de compor e salta de um tema a outro. Às vezes, de um parágrafo para outro, ou até mesmo de uma frase para outra, ele altera sua atitude, buscando sempre estar acima do leitor. Além disso, o caráter dissimulado e enganador de Brás Cubas personagem permanece intacto no narrador. Pode-se verificar sua atitude imoral perante Eugênia, a flor da moita, descartada por ser coxa.

Ao mesmo tempo, o discurso móvel da volubilidade contrasta com a fixidez melancólica da morte. O defunto autor está em uma posição inalterável, marca uma concepção de vida a-histórica e cética. No capítulo do *Delírio*, por exemplo, deve-se prestar atenção ao conceito de vida humana que ali aparece. Como regra geral, ele explica os acontecimentos particulares da existência de todos os personagens, de si mesmo e de Virgília, Marcela, Quincas, Lobo Neves, Cotrim... Todos são dominados pelas paixões que “agitavam o homem como um chocalho, até destruí-lo como uma farrapo” (Cap. IX).

Não se pode esquecer, no entanto, a possível significação do nome *Brás Cubas*. *Brás* pode representar o Brasil, ou de modo mais restrito sua elite, em que a nação ao longo da independência não se forma como livre e autônoma, mas presa à sua volubilidade e ausência de propósito, fixa na incapacidade de mudança. A pior imagem para representar ao Brasil é a do cadáver morto, em decomposição, perante o qual a Natureza (Pandora) mantém-se indiferente. Além disso, Cubas tem dois sentidos possíveis. Ou indica uma enorme vasilha de madeira, que poderia ser usada para colocar vinho, era usada na colônia como depósito de fezes. *Cubas* pode ser um indivíduo matreiro, enganador. Nos dois sentidos, o nome caracteriza negativamente a personagem, rebaixando-a

à condição de personagem cômica. Essa vinculação entre Brás Cubas e o Brasil pode ser, no entanto, uma grande empulhação. Deve-se lembrar a falsificação do pai, que, para inventar um genealogia nobre para sua família, deu um nome de nobre para seu filho. Seu interesse era esconder a origem baixa, de um simples tanoeiro, criando uma semelhança com o suposto herói da colonização, Brás Cubas, fundador da cidade de Santos no século XVI.

E o emplasto *Brás Cubas?* Segundo Sá Rego (1989), Machado de Assis vincula-se à tradição da sátira menipéia, principalmente aos diálogos luciânicos. Nessa tradição, a partir de um ponto de vista distanciado, o narrador parodia textos da tradição literária, através da mistura de elementos antagônicos, do apagamento da distinção entre razão e loucura e da opção por temas escabrosos. Assim, para Sá Rego, o emplasto, remédio para curar a melancólica humanidade, é a ironia e o humor machadiano, usados para curar o Calundu, o banzo, a melancolia das pessoas.

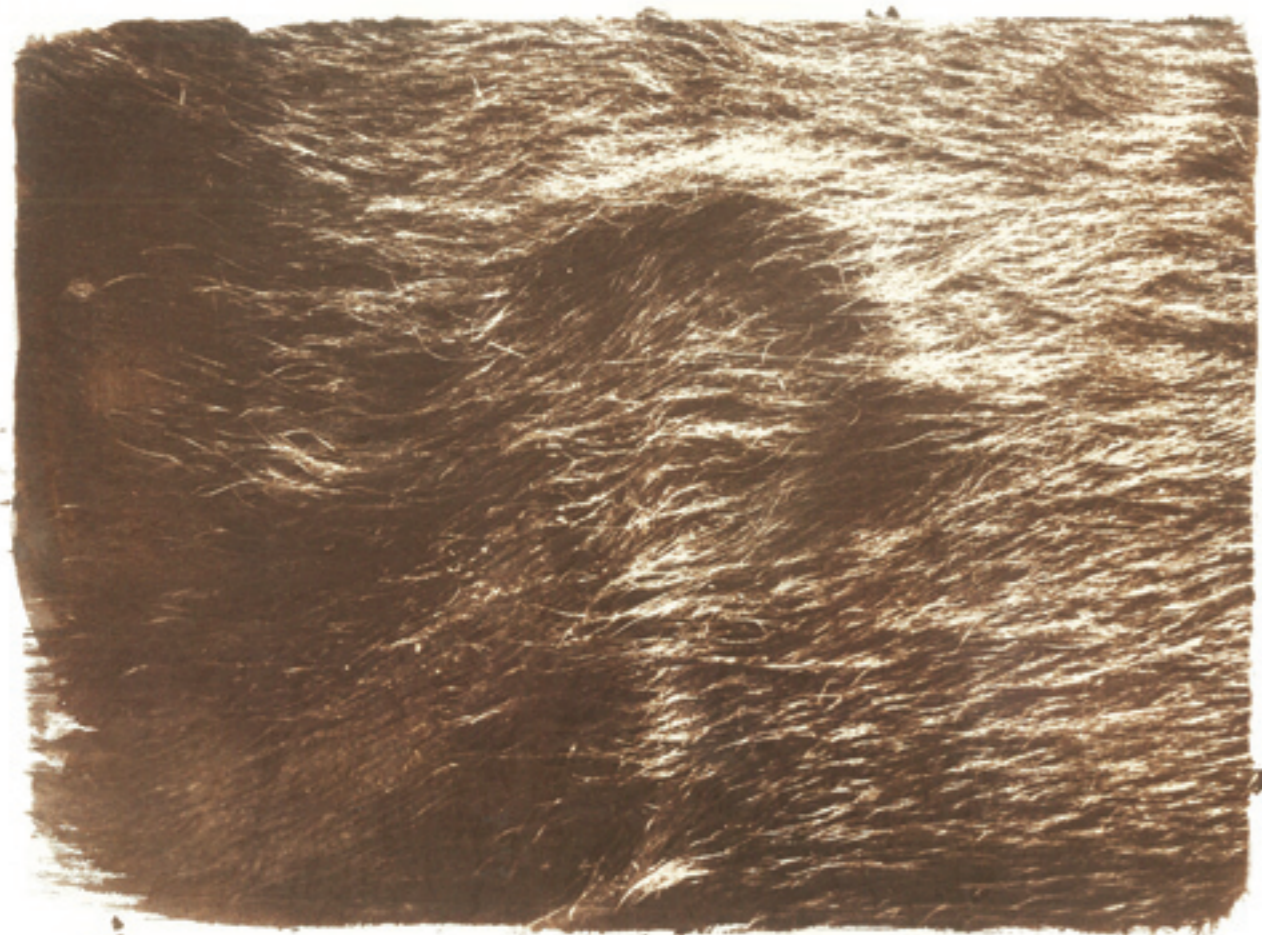
Voltemos, então, a nossa questão norteadora. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, inicia uma nova fase dentro da literatura brasileira. Machado abandona as convenções da prosa romanesca do século XIX, ao se voltar para formas satíricas da tradição; abdica da tarefa de construir uma literatura brasileira que falasse da natureza ou dos índios; não procura agradar ao leitor, agride-o sistematicamente e cria o defunto autor, para quem nada se salva no naufrágio das ilusões, cujo saldo final é este: *não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria*.

Antônio Marcos Vieira
Sanseverino
DOUTOR EM LITERATURA,
PROFESSOR DO INSTITUTO DE
LETRAS DA UFRGS

REFERÊNCIAS:

- ASSIS, JOAQUIM MARIA MACHADO DE. OBRAS COMPLETAS. RIO DE JANEIRO: NOVA AGUILAR, 1994. (v. I e III)
- BATISTA, ABEL BARROS. A FORMAÇÃO DO NOME: DUAS INTERROGAÇÕES SOBRE MACHADO DE ASSIS. CAMPINAS: EDITORA UNICAMP, 2003.
- BOSI, ALFREDO ET AL. MACHADO DE ASSIS. SÃO PAULO: ÁTICA, 1982. (ESCRITORES BRASILEIROS, 1).
- BOSI, ALFREDO. BRÁS CUBAS EM TRÊS VERSÕES: ESTUDOS MACHADIANOS. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2006.
- FACIOLI, VALENTIM. UM DEFUNTO ESTRAMBÓTICO: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS. SÃO PAULO: NANKIN EDITORIAL, 2002.
- MEYER, AUGUSTO. MACHADO DE ASSIS. RIO DE JANEIRO: SÃO JOSÉ, 1958.
- PAES, JOSÉ P. GREGOS E BAIANOS. SÃO PAULO: BRASILIENSE, 1985.
- ROUANET, SÉRGIO PAULO. RISO E MELANCOLIA: A FORMA SHANDIANA EM STERNE, DIDEROT, XAVIER DE MAISTRE, ALMEIDA GARRET E MACHADO DE ASSIS. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2007.
- SÁ REGO, JOSÉ ENYLTON DE. O CALUNDU E A PANACÉIA: MACHADO DE ASSIS, A SÁTIRA MENIPÉIA E A TRADIÇÃO LUCIÂNICA. RIO DE JANEIRO: FORENSE UNIVERSITÁRIA, 1989.
- SCHWARZ, ROBERTO. AO VENCEDOR AS BATATAS. SÃO PAULO: DUAS CIDADES, 1989.
- SCHWARZ, ROBERTO. LEITURAS EM COMPETIÇÃO, NOVOS ESTUDOS, CEBRAP, N.75, SÃO PAULO, JUL. 2006.
- SCHWARZ, ROBERTO. UM MESTRE NA PERIFERIA DO CAPITALISMO: MACHADO DE ASSIS. SÃO PAULO: DUAS CIDADES, 1990.
- CANDIDO, ANTONIO. ESQUEMA DE MACHADO DE ASSIS. IN: VÁRIOS ESCRITOS. 3ª ED. REV. E AMPL. SÃO PAULO: LIVRARIA DUAS CIDADES, 1995.
- GLEDSON, JOHN. MACHADO DE ASSIS: FICÇÃO E HISTÓRIA. RIO DE JANEIRO: PAZ E TERRA, 1986.
- MURICY, KÁTIA. A RAZÃO CÉTICA: MACHADO DE ASSIS E AS QUESTÕES DE SEU TEMPO. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 1988.
- PAES, JOSÉ P. UM APRENDIZ DE MORTO. IN: GREGOS E BAIANOS. SÃO PAULO: BRASILIENSE, 1986.

TODA FOTOGRAFIA É UM CERTIFICADO DE EXISTÊNCIA



MARCA REGISTRADA.
FORMATO ORIGINAL 21 X 29 CM,
E A TÉCNICA É MARROM DE VANDYKE

“Toda fotografia é um certificado de existência.”

(ROLAND BARTHES)

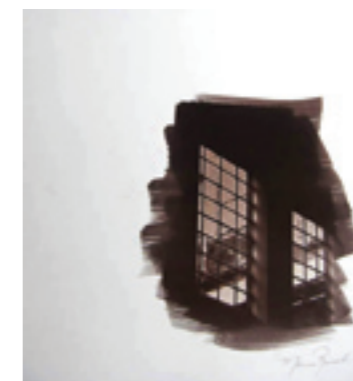
Os recursos mecânicos de enquadramentos de cenários vêm sendo utilizados pelo menos desde o início do século XV. A partir de então, a aproximação dos artistas com os meios facilitadores da reprodução de imagens é cada vez mais veloz. A fotografia foi o principal personagem deste encontro.

Com a mudança de comportamento do homem contemporâneo, atualmente é difícil que alguém não possua uma câmera fotográfica digital ou mesmo um celular com este recurso, transformando, assim, a fotografia em algo banal. A multiplicação da captação de imagens, armazenamento e cópias é imensurável.

Buscando retirar um pouco este caráter comum da fotografia, pesquiso, juntamente com um grupo ligado à Universidade Federal, técnicas antigas de reprodução de cópias de imagens. Estas técnicas remontam aos primórdios da fotografia: Goma Bicromatada, Papel Salgado, Marrom de VanDyke e Cianotipia. Todos são processos de cópias executados artesanalmente, desde a preparação do papel, químicos fotossensíveis, exposição ao sol e lavagem.



TÉCNICA: GOMA BICROMATADA
COLORIDA, PRIMEIRA EXPERIÊNCIA
SUPORTE: PAPEL MONTEVAL
DIMENSÕES: 29 X 58 CM



TÉCNICA: MARROM DE VANDYKE
SUPORTE: PAPEL ARCHES
DIMENSÕES: 20 X 25 CM



TÉCNICA: GOMA BICROMATADA
SUPORTE: PAPEL FABRIANO
DIMENSÕES: 21 X 29 CM
TRABALHO QUE INTEGROU A MOSTRA DÉJÀ VU – EXPERIÊNCIAS
COM A TÉCNICA DA GOMA BICROMATADA, NO MARGS (MUSEU DE
ARTE DO RIO GRANDE DO SUL), 2006
(COM PARTE DA MOSTRA EXPOSTA NO ESPAÇO RESERVADO À
PINACOTECA DA AJURIS, APÓS O EVENTO)

A imagem é capturada através de uma câmera fotográfica digital e é manipulada em um programa de computador, não com a intenção de alterar o significado, apenas como um recurso para “lapidar” a imagem e alcançar melhor resultado para produzir um negativo e realizar a cópia. Depois de tratada a imagem e obtido o negativo, dá-se início ao processo de manufatura do suporte para realizar a cópia, que neste caso é papel. A cópia é feita por contato, o que significa que a lâmina que contém o negativo é colocada sobre o papel, previamente emulsionado com químicos fotossensíveis. A preparação do papel depende da técnica a ser utilizada. O único ponto comum de todos os processos é a exposição a uma luz com grande concentração de raios UV, encontrados nos raios solares e algumas lâmpadas específicas. A densidade do negativo e a quantidade de tempo de exposição à luz é que definem as tonalidades da imagem.

Atualmente, ainda de forma incipiente, a pesquisa está direcionada a cópias coloridas.

Mônica Esteve Ruschel
ARTISTA PLÁSTICA

MAIS INFORMAÇÕES E IMAGENS PODEM SER
ENCONTRADAS NOS SITES:

[HTTP://PROJETOSAL.BLOGSPOT.COM/](http://PROJETOSAL.BLOGSPOT.COM/)
[HTTP://PROJETOVANDYKE.BLOGSPOT.COM/](http://PROJETOVANDYKE.BLOGSPOT.COM/)
[HTTP://PROJETOGOMA.BLOGSPOT.COM/](http://PROJETOGOMA.BLOGSPOT.COM/)

11

TRAJETO

Aqui
vige
o juro
o jugo
o embate
o enfarte
(dor comum)

A sede:
riqueza
a certeza:
o lucro
(tudo)

Do Estado
da empresa
a presa:
o homem

Aqui
permanece
a reza
o riso
a miséria
Não se resiste

Acreditei
na mudança
que não veio

Perdi a fé
mas tive
filho

Sigo

Penso outra vida:
liberdade
dignidade

Peço afeto
nesse trajeto

Companhia.

PERDA

O coração pesa

Queria agora contigo
como no tempo do clássico
dizer poesia:

Neruda, Pessoa,
Drummond
Cecília, Nejar, Quintana

Traçar plano:
a vida justa
o homem humano

A gente fica
tão quebrado
tão coitado

Poucos os amigos
e se vão sem aviso.

*Em memória de
Suzana Gonçalves*
DA OBRA EM MÃOS II, WS EDITOR,
2002.

ESQUEÇO AS MORTES

Esqueço as
mortes
que tive

Assumo a vida
e suas medidas

O coração
curioso de
afeto.

Umberto Guaspari Sudbrack
DESEMBARGADOR NO TJRS E POETA

POEMA DA PARTIDA

Vinha de cansaços.
Como vagasse pela vinha,
viu ébrios pássaros pousados
no silêncio de muitos ais.

Corpo e alma ficando na viagem
Seria ali, o caos? O caos?
O homem sofregamente bebe
um imenso gole da paisagem.

E parte.

O SILÊNCIO, SÚBITO

Tia Cacaia tocava cinco instrumentos
musicais quando moça. Súbito, sobre seus
ouvidos, desceram densas cortinas
de silêncio. E tia Cacaia não mais escutou
sequer o uivo das matilhas do tempo.
Mas basta-lhe ler a partitura do vento
para reger todos os sons do mundo.

** para Lucas Finatto*

Carlos Saldanha Legendre
DESEMBARGADOR E POETA

(DO LIVRO INÉDITO "MAR DO ESQUECIMENTO")

NAS NOITES ESCURAS DE PALMAS

Se uma das duas vítimas dos estupros não se mostrava convicta de que o acusado era o autor dos delitos, e se ambas – como afirmaram – haviam sido abordadas no mesmo momento pelo denunciado e, logo a seguir, estupradas, mediante ameaça à mão armada, uma na frente da outra, sem a presença de testemunhas, era de absolver-se por insuficiência de provas o réu. Demais disso, este não tinha precedentes policiais e antecedentes penais. Era bom pai e bom chefe de família, homem dedicado ao lar e militar de comportamento exemplar em caserna.

Assim refletia o Dr. Alcides, juiz da comarca de Palmas, no escurecer da tarde chuvosa do inverno gaúcho de 1993, enquanto redigia a parte final da sua decisão. Nesse momento, no entanto, surpreendiam-no leves passos no longo corredor que levava às diversas salas da 1ª e da 2ª Varas Criminais e, ao fundo, numa de suas extremidades, ao salão do júri, espaçoso auditório com assentos para umas quatrocentas pessoas. Não tinha do que duvidar: eram pisadas de mulher os pequenos saltos salpicando pelo parquê. – Mas quem, naquele sábado e naquela hora incomuns, estaria a vagar pelo fórum? – admirava-se, em voz baixa, o magistrado. – Quem está aí? – agora gritava, desconfiado e surpreso, abrindo a porta de seu gabinete para o corredor, sem nada avistar. Permaneceu algum tempo a olhar, até que os olhos habituados ao escuro o convencessem de que nada ou ninguém estava lá. Certamente fora falsa impressão. Fruto da fadiga mental. Das horas a fio de leitura dos autos.

Voltou ao gabinete e datilografava – ainda era fiel à antiga e pequena Olivetti – a conclusão da sentença. Improcedente a denúncia. Havia lido palavra por palavra do processo. Ao finalizar a absolvição do rapaz, recordava-se de que, já ao depor na fase policial, Helena contrariava a versão de Íris, a outra ofendida. Ao encontrarem Nestor num bar da vila onde moravam, teimou, não era ele o autor dos estupros. Ante tal teima, depois repetida em júízo, ponderava a si próprio que a melhor decisão era mesmo aquela, a que inocentasse o réu. Assim pensava quando, cada vez mais ecoantes e fortes, os passos voltavam ao corredor. Não era possível! Alguém estava a querer assustá-lo ou, pior, a espreitá-lo, pensou, lançando-se em direção à porta, escancarando-a, nervoso. – Quem, pelos diabos, está aí? Quem? Que brincadeira sem graça é esta?

Como da vez anterior, não houve respostas. Só o silêncio pairava no escuro corredor do andar superior do prédio, no foro todo.

Amedrontado, Alcides resolveu ir para casa, pois já era noite

escura, hora de voltar ao convívio da mulher e dos filhos. Enquanto desligava a luz da peça em que estava, tornou a ouvir, agora mais nitidamente, os passos no corredor. Eram apressados agora e se aproximavam do gabinete, e ele sentiu-os ameaçadores. Arrepiado, queria, mas não conseguia mover-se. Um frio enregelou-o todo, um tremor tomou-o por inteiro. Aquilo não podia estar acontecendo.

Reunindo todos os bríos que lhe sobravam, num átimo religou a luz. Ocorreu-lhe deixá-la acesa. No outro dia a apagaria. Não podia ir, na escuridão, ao encontro ou de encontro a quem insistia em andar pelo corredor. Tinha de, pelo menos, alcançar a escada, a regular distância da porta por onde saía. Chegar à estreita passagem que o levaria primeiro à escada, depois, ao pavimento térreo, dali, finalmente, à rua. Conseguiu chegar até a escada e, antes de descer o primeiro degrau, horrorizado, tornou a escutar o barulho dos saltinhos. O ruído vinha da sala do júri, percebeu. Então, aproximou-se e a viu. Uma moça de cabelos negros caídos até os ombros, esbranquiçada, pálida, iluminada pela luz da vela branca que carregava numa das mãos, braço estendido para a frente, passava mansamente por trás da cadeira do juiz, entre esta e a parede. Viu-a, apavorado, pela porta aberta do salão. Ouviu os saltos de seus sapatos espocando e, petrificado, viu-a virar o rosto em sua direção. Ela sorria. Os dentes alvos brilhando como nunca vira nada brilhar!

Então, desceu como um louco os degraus dos dois lanços da escada e lançou-se à porta de entrada do prédio, alucinado, a muito custo acertando a chave na fechadura. Finalmente, saindo à rua, dirigiu-se às correrias à sua casa, o vento litorâneo a rugir a sua passagem, a rua escura a ficar para trás, não, porém, a fantasmagórica e assombrosa imagem da moça.

Em noites escuras, lá em Palmas, as pessoas evitam passar pelo fórum. Dizem que uma moça pálida, de cabelos longos e negros, iluminada pela luz de uma vela, fica por lá, numa das janelas do salão do júri, a olhar e a sorrir para todos que passam na rua. E que, após vê-la, a pessoa, traumatizada e insone, enlouquecida, não mais a esquece.

Ali perto, Oliveira, antigo servidor do fórum, não se cansa de repetir: é Maria dos Anjos, que fora estuprada pelo João Gargahão, absolvido por certo juiz. Enforcara-se. Desde então sua alma errante perambulava pelos corredores e outras peças do foro em busca de justiça.

Os juizes de lá, porém, não acreditam em assombração.

A não ser o Dr. Alcides. Licenciado para tratamento médico-psiquiátrico.

Nei Mitidiero
MAGISTRADO ESTADUAL
APOSENTADO (RS), ADVOGA-
DO E ESCRITOR

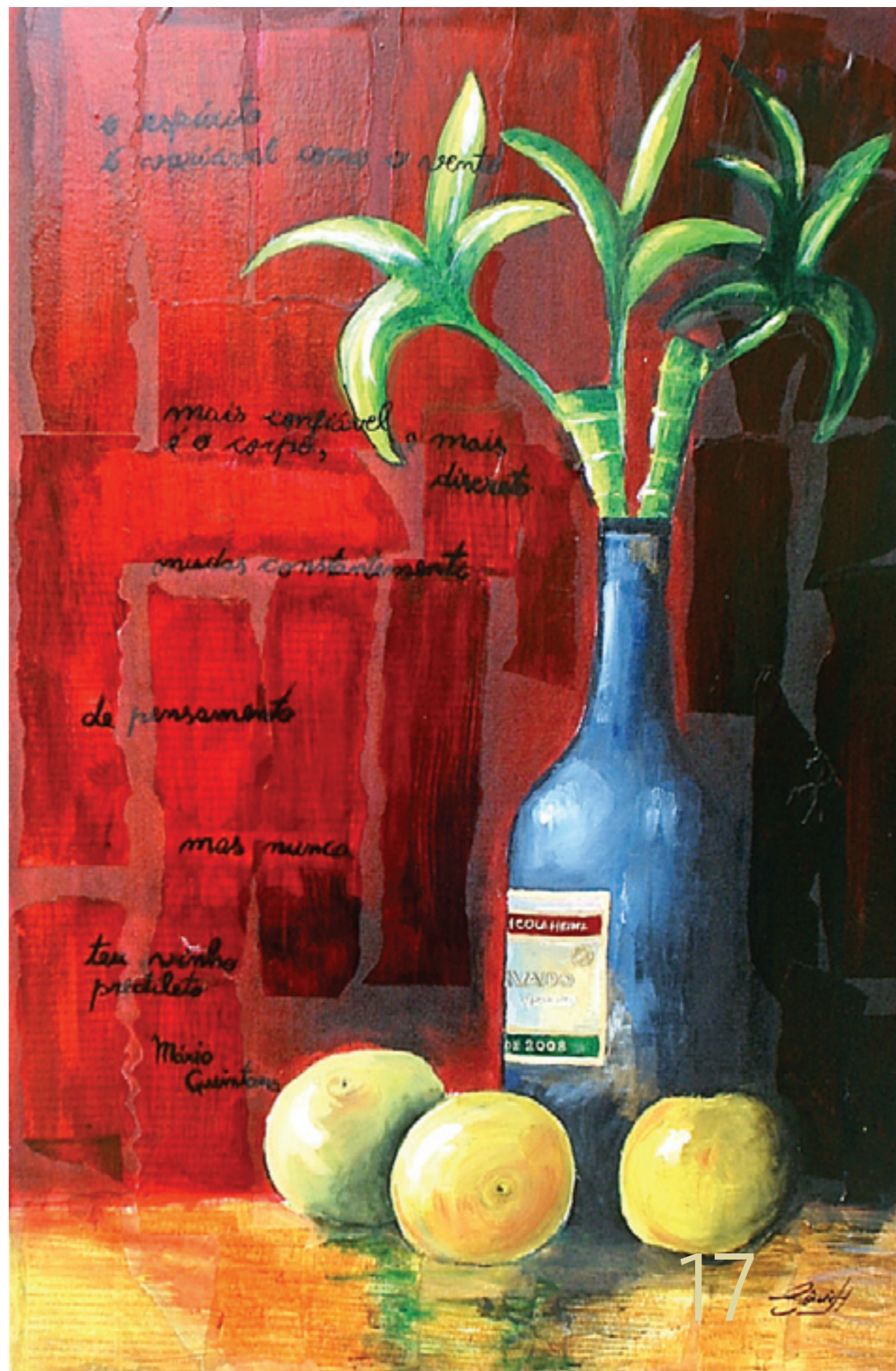
LENDO EMILY DICKINSON



Poderia ser 1830,
quando nasceste,
mas é 2008,
chuvoso domingo de março,
não publicaste livro em vida (o que menos im-
porta).
“Ela chegou afinal, mais ágil, porém, a Morte
havia ocupado a casa:
A pálida mobília já disposta,
Junto com sua palidez metálica” [...].
Só poeira e esquecimento,
nada dura,
Felicidade efêmera – ler teus poemas, Emily.

O domingo fluído,
tempo: linha reta de eterna agonia.
Não existe presente, só passado.
Nem futuro.
A namorada de 1968 jaz num cemitério de aldeia.
“Empoeirado se mostra o mundo
Ao nos deitarmos para morrer”.
Sim: “Tão longe da compaixão quanto a queixa
Tão frio às palavras quanto a pedra.
Tão insensível à Revelação
Como se meu ofício fosse nada”.
O empenho diário é inútil?
(Para os outros.)
Ah, cidade que me atirou seu presságio
adverso.
Terá termo a espera?
Deve-se matar a morte que sobre nós se abate.
(Peço desculpas aos poetas que pilhei:
Confluências.)
Aqui jaz a inocência:
a morte não existe, nós é que morremos.

Emanuel Medeiros Vieira
PARA CÉLIA DE SOUSA
BRASÍLIA, MARÇO DE 2008



NATUREZA SILENCIOSA, COLAGEM C/ ACRÍLICO, 60x80CM | SÔNIA HEINZ

O DIA EM QUE CHOVEU EM IQUIQUE

A madrugada começou a clarear, as ruas e automóveis estavam, como todas as noites, com uma finíssima camada de orvalho trazido pelos ventos do mar, e essa era toda a umidade que Iquique sempre conheceu.

O professor Hernández levantou-se e, ainda com o pijama curto, foi até a cozinha, puxou a cordinha e abriu o teto de palha trançada, afastando as metades, para clarear o ambiente. Examinou o refrigerador e serviu-se com uma xícara de leite. Do armário retirou uma embalagem fina e comprida com dose única de café em pó. Preparada a bebida, sentou-se à mesa para repassar a lição de história, sua tarefa do dia.

Como resumir a guerra entre Chile e Peru, cento e trinta anos atrás? Pelas circunstâncias, é claro. Empunhou o lápis e rabiscou frases no caderno.

Iquique vivia sob o domínio peruano, a moeda chilena estava depreciada e o Peru envolto em instabilidade política. Em meio à epidemia da febre amarela, Iquique sofreu um grande incêndio e, logo depois, um terremoto destruiu a cidade. Em dezembro ocorreu mais uma rebelião armada e a guarda urbana decidiu não interferir. A cidade de Huáscar sublevou-se, os peruanos ordenaram a saída de todos os chilenos da região de Tarapacá, a guerra intensificou-se e o norte desértico foi anexado pelo Chile. O professor pensou que, para uma aula, tanto bastava. As folhas de palha no teto balançaram um pouco mais vivazes que o costume para a hora do dia, mas o professor não considerou importante.

O primeiro caminhão encostou junto ao portão de entrada do porto. Ainda sonolento, o motorista recostou-se o melhor que

pôde após cumprimentar o guarda. A brisa do mar estava especial nesse dia, um pouco mais fresca, estivesse ao sul do país diria que mais úmida, mas em Iquique a umidade mantinha-se próxima dos dez por cento, ano após ano, de qualquer forma essa aragem diária permaneceria sobre a cidade até as nove horas, depois o calor desceria como uma enorme massa invisível soterrando as pessoas até as seis da tarde. Quem sabe um dia ele pudesse fazer como os ricos que vestem suas bermudas e tênis e caminham pelo calçadão da praia nos finais de tarde?

Yasna sentia-se feliz na nova casa que o governo construiu, em meio a centenas de outras, no alto da montanha, na verdade um imenso cômodo de areia, onde a brisa do oceano mantinha-se ao longo do dia para compensar o vapor que subia da areia, areia que era o panorama para todos os lados naquele início de deserto. Com certeza suas noites eram melhores que lá embaixo, na cidade.

Apressou-se para vestir e alimentar os filhos e encaminhá-los para a escola e poder preparar-se a tempo de não perder o ônibus que a levaria montanha abaixo até o emprego. Quando o ônibus iniciou a descida pela encosta, ela avistou a imensa baía, toda rendilhada, as ondas encorpadas mantendo-se num verde-claro até se acalmarem nas entranhas da areia. E o mundo diferente além daquele imenso mar, a Austrália, o Oriente, seus sonhos findavam mais perto, na Ilha de Páscoa, como gostaria de ver as esculturas que dizem pertencer a seres de outros planetas: seriam homens loiros? Porque em Iquique não se encontra um loiro, a não ser mulher oxigenada, coisa que ela jamais faria com sua cara de índia.



ILUSTRAÇÃO SOBRE FOTOGRAFIA DE IQUIQUE | KÁTIA OZÓRIO

Num átimo percebeu, lá no mais fundo do oceano, uma grande claridade, como se fogos de artifício estivessem estourando para comemorar alguma coisa; eram trovoadas, só não chove aqui, pensou, dizem que a chuva é como banho de chuveiro, e, estranho!, podia jurar ter visto enorme raio cair mais perto da costa, na direção do porto, raio sem nuvens? Mas, olhando bem, o céu estava com algumas nuvens lá no mar, nuvens sujas, sim senhor! O ônibus chegou à cidade e Yasna perdeu a visão do oceano. Conformou-se, um dia visitaria Santiago para conhecer a chuva.

Don Marcondes levantou o fone do gancho e chamou o motorista, hoje vamos mais cedo para o campo de golfe, tenho compromisso na hora do almoço. Passou pela casa do sócio e rumaram para o campo, à beira-mar, no caminho para o aeroporto. A brisa estava excepcional naquele dia, um pouco mais espessa para amenizar o sol, e sem levantar poeira.

Don Marcondes preocupava-se menos com o chão do campo, todo ele de areia grossa, jamais olvidava estar no deserto, mesmo tão próximo da água, e haveria de mostrar esta característica da cidade ao cliente que estava chegando, vindo da China para negociar na Zona Franca. Golfe em areião? As pedrinhas não deslocam a trajetória da bola? As perguntas que lhe repetiam. Deslocam, por isto somos peritos, os melhores jogadores do mundo, imagine nossa facilidade nos campos da Europa.

Passou o avião vindo da Bolívia, já em final de manobra para aterrissagem, fazendo a curva final sobre o mar. Sentiu o cheiro de gasolina, o que não costumava acontecer... é a brisa mais forte, mas tão forte assim? Suas preocupações, todavia, estavam concentradas em vencer o *game*. O seu motorista, encostado ao pára-lama do automóvel, olhando o jogo e voltado para o oceano, viu com nitidez um raio rasgar o céu no lugar onde surgiu uma nuvem escura, e a nuvem nunca esteve tão próxima da costa. E antes que pudesse contar a novidade ao patrão ouviu sua imprecação, porque o vento aumentou de intensidade, levantou poeira e a poeira inviabiliza o jogo.

Quando retornava para casa, o motorista viu pelo retrovisor o que jamais imaginaria ver, e alertou:

– Olhe o céu, Don Marcondes!

Don Marcondes girou o pescoço com dificuldade e gemeu:

– Nossa Senhora, vai chover!

O motorista aumentou a velocidade decidindo se devia alegrar-se ou temer algo pior. A nuvem passou pela orla e seguiu em direção ao deserto, deixando atrás de si mais nuvens, embora acinzentadas, o suficiente para esconder o sol, não era muito para

chuva. O motorista assim raciocinava pelo que via e ouvia na tevê, porque verdade verdadeira aquelas nuvens nunca estiveram em Iquique e os raios estavam lá em cima da montanha.

– Vamos direto para a Zona Franca – ordenou Don Marcondes.

O motorista manobrou o automóvel para a direita para ingressar na avenida que liga o mar à montanha e a montanha tomou conta da paisagem à sua frente, mas ela não estava radiante e parda, como sempre, estava escurecida, com grandes sombras, e dava a sensação que tremia.

Então começou a chuva.

As pessoas correram alegres pelas calçadas gritando e pulando como participantes de um milagre. Yasna saiu da loja onde trabalhava e deixou-se molhar no rosto voltado para o céu, para a chuva, finalmente! gritou, finalmente!, repetiu. O professor interrompeu sua aula de História, saiu até o pátio e olhou demoradamente para a montanha. Retornou e mandou os alunos embora, mas que fossem para suas casas. A meninada saiu em debandada, melhor coisa não podia acontecer e, é claro, ninguém foi para casa, como se estivessem combinados desde sempre, e foram para a *plaza* do teatro municipal. O professor reuniu-se com a direção: mandem todos embora, a chuva vai desmanchar a montanha. O primeiro a correr foi o diretor, gritando: meus filhos!

Um motorista acabara de entrar na Zona Franca com o caminhão carregado com o contêiner de brinquedos chineses e ziguezagueava pelas estreitas ruas a poucos metros da montanha, quando começou a cair água e a água não tombava apenas no vidro pára-brisa, também escorria pela íngreme encosta da montanha com seus mil metros de altura. Ele tentou manter a calma, ao menos devo estacionar este bicho, mas, ante seus olhos, uma fina camada de areia deslizou pela encosta. Freou o caminhão, encostou o rosto no vidro esforçando-se para ver mais do que tinha para ser visto. Sua mente não chegou a formular qualquer frase, permaneceu estático, olhar arregalado, respiração suspensa.

Ao lado, na calçada, Yasna baixou a cabeça, abriu os olhos e secou-os com o dorso das mãos, o que fazia aquele caminhão parado? Percebeu a figura do motorista como figura de sal na Bíblia, acompanhou seu olhar e gritou, desesperada, consciente do que estava por suceder, seus filhos e sua casa e sua vida e seu futuro estavam no topo da montanha. E a montanha derretia.

A chuva aumentou.

As pessoas começaram a entender o que estava acontecendo e, no lugar da alegria, surgiu a dor do fim do mundo. Yasna correu em direção à montanha, subiria a estrada a pé, se necessário, devia

estar com seus filhos, imensa distância, pediu carona, ninguém parou, nem os carros que colidiram na primeira curva. Gente querendo descer, gente querendo subir e a montanha delirando, querendo segurar-se em suas próprias entranhas, manter suas areias imóveis como sempre, mas a água fez deslizar pedrinhas e as pedrinhas empurraram pedras maiores e a areião começou a deslizar, a primeira fenda surgiu.

Yasna já havia percorrido quase dois quilômetros e faltavam-lhe ar e pernas para continuar quando, acima da sua cabeça, mais à frente, a primeira massa de terra despregou-se das suas origens e desceu em forma de bola, como nas avalanchas de neve.

Yasna estancou a corrida esperando que a queda de areia não se estendesse para seu lado. Uma parte da montanha desmanchada passou pela estrada, desceu a segunda parte da encosta e começou a cobrir as pequenas casas de telhado reto, a gente mais pobre. Yasna fechou os olhos e os ouvidos mas continuou a ver e ouvir aquela quantidade de pessoas sendo soterradas, os gritos lancinantes durante poucos segundos e logo ensurdecidos.

À sua frente havia uma nova montanha, toda desarrumada, definitivamente jamais alcançaria seus filhos. Voltou correndo, pensando em contornar a cidade pela orla, em direção ao aeroporto, e subir o outro cômodo de areia, menor, que o tempo construiu entre a montanha e a cidade, mais para o sul, ali a areia era fina, onde os meninos praticavam skate, a areia fina recebe melhor a chuva, adensa e endurece, poderia subir até a estrada da montanha, bem mais adiante, não importava o tempo para todo o percurso, que fosse um dia, ou dois dias, mas chegaria aos filhos.

Um ronco surgiu no topo da montanha bem atrás da Zona Franca. Todos os caminhões e lojas foram abandonados, por toda a cidade as pessoas corriam de um lado para outro em grandes levadas, quem caiu foi pisoteado, vitrines quebradas, casas invadidas e logo abandonadas, até que todos compreenderam que o único refúgio era o mar.

Um segundo ronco e logo o cume da montanha começou a desfazer-se em toda a sua extensão e uma imensa onda de terra e pedregulhos entrou na cidade espalhando-se pelas ruas, cobrindo as casas e os corpos, os que caíam e os que ainda tentavam chegar à praia.

Yasna estava contornando a Zona Franca, correndo e chorando, quando foi engolida pela areia, e seu último pensamento não foi para os filhos, mas para a chuva, maldita ingratidão, tanto a quis, tanto a odiava.

Quem estava no porto refugiou-se nos navios e neles ficaram soterrados. No restante da orla não havia barcos, apenas na ponta esquerda, no ancoradouro, onde os empregados não aguardaram os patrões proprietários, entraram às pressas nos iates e lanchas rumando em direção ao mar aberto, batendo uns nos outros, naufragando alguns, ficando à deriva outros, os barcos exigem alguma preparação para enfrentar as ondas, que aumentaram sua força e altura e empurraram os barcos de volta.

Ao sul da cidade, contrariando a expectativa de Yasna, o cômodo de areia também desabou, e o que seria a única defesa da cidade tornou-se seu algoz definitivo, e os edifícios mais ricos, erigidos no promontório para garantir vista privilegiada da baía, restaram como pequenos canudos de chocolate espetados em sorvetes, apenas os últimos andares sobraram acima da hecatombe. O suficiente para manter vivas pessoas enlouquecidas que se jogaram das sacadas ou bateram com a cabeça na parede até desmaiar.

Camada após camada, a terra foi cobrindo a cidade e avançando mar adentro, empurrando o oceano, represando as ondas, afugentando os peixes. Até que cessou o movimento da montanha.

Então o oceano começou a retomar o espaço perdido e ondas altíssimas e virulentas deslizaram sobre a areia. Assim como começara, a chuva estancou. E nunca mais choveu em Iquique.

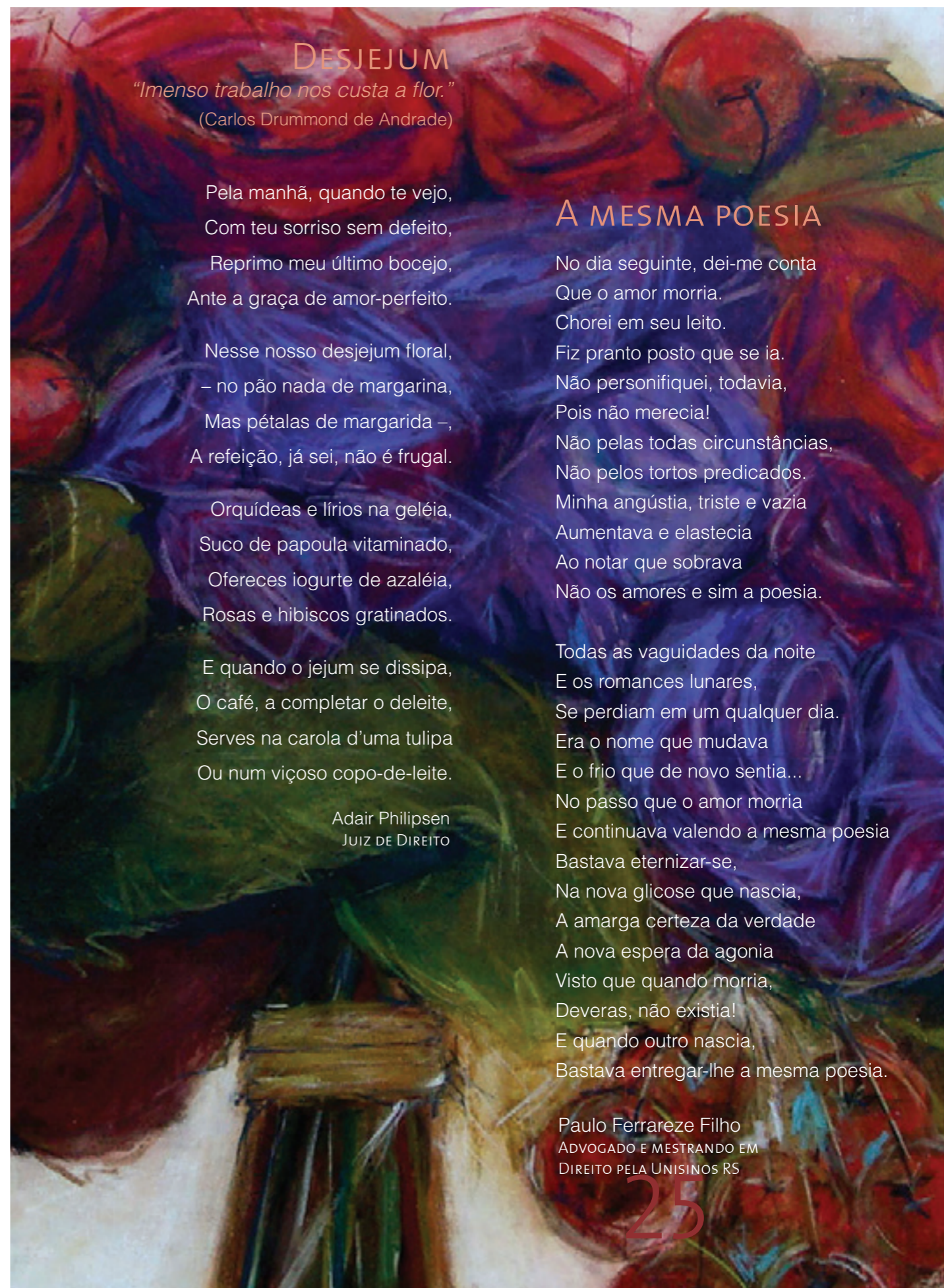
José Carlos Laitano
ESCRITOR E MAGISTRADO

O GENERAL QUE MATOU O POETA

Chile. 1973. Setembro. Cai Allende.
Pinochet assume o poder.
Um véu escuro sobre o país se estende
e é tempo de fugir, lutar e morrer.
Tempo de famílias divididas, crianças desesperadas.
Perseguições, vinganças, agonia e dor
Estádio, agora, é prisão, caminho para o nada.
Nas ruas, os gritos; nas casas, o silêncio; nas almas, o terror.
E, no meio de tudo, em corpo já doente,
uma alma dolorosamente confrangida,
sofre por seu povo, sua terra, já impotente
para erguer sua voz pela liberdade, pela vida.
O poeta, menino em Temuco, nascido em Parral,
lembra, com saudade, de tempos mais amenos,
da natureza, da vida brotando em cada manancial,
quando se encantava com os bosques chilenos
e a quase infinitude da chuva austral.
Ele que cantou o amor, a paz, a humanidade, a tolerância,
que, nas diferenças, via do diálogo a razão,
percebia, então, na terra de sua infância
eclodir a morte, o arbítrio e a desilusão.
Doze dias depois, o Chile, feridas abertas,
despede-se de Pablo, poeta do encanto,
que não quis esperar por horas desertas,
nem quis ver de seu povo o desmedido pranto.
A nação, já temerosa e muda,
ainda amarga mais esta surpresa
e ninguém duvida que Neruda
acabou morrendo de tristeza!

** Homenagem a
Pablo Neruda no mês
do centenário de seu
nascimento*

Hélio Lemos de Souza
PRETOR APOSENTADO



DESJEJUM

“Imenso trabalho nos custa a flor.”
(Carlos Drummond de Andrade)

Pela manhã, quando te vejo,
Com teu sorriso sem defeito,
Reprimo meu último bocejo,
Ante a graça de amor-perfeito.

Nesse nosso desjejum floral,
– no pão nada de margarina,
Mas pétalas de margarida –,
A refeição, já sei, não é frugal.

Orquídeas e lírios na geléia,
Suco de papoula vitaminado,
Ofereces iogurte de azaléia,
Rosas e hibiscos gratinados.

E quando o jejum se dissipa,
O café, a completar o leite,
Serves na carola d'uma tulipa
Ou num viçoso copo-de-leite.

Adair Phillipsen
JUIZ DE DIREITO

A MESMA POESIA

No dia seguinte, dei-me conta
Que o amor morria.
Chorei em seu leito.
Fiz pranto posto que se ia.
Não personifiquei, todavia,
Pois não merecia!
Não pelas todas circunstâncias,
Não pelos tortos predicados.
Minha angústia, triste e vazia
Aumentava e elastecia
Ao notar que sobrava
Não os amores e sim a poesia.

Todas as vaguidades da noite
E os romances lunares,
Se perdiam em um qualquer dia.
Era o nome que mudava
E o frio que de novo sentia...
No passo que o amor morria
E continuava valendo a mesma poesia
Bastava eternizar-se,
Na nova glicose que nascia,
A amarga certeza da verdade
A nova espera da agonia
Visto que quando morria,
Deveras, não existia!
E quando outro nascia,
Bastava entregar-lhe a mesma poesia.

Paulo Ferrareze Filho
ADVOGADO E MESTRANDO EM
DIREITO PELA UNISINOS RS

25

LIMITAÇÕES

Os únicos troféus que recebi, na tentativa de ser o que não deu certo, foram rugas, filhas bastardas do tempo. De um tempo que avança em seu caminhar com o rumor de uma motosserra esfomeada em direção ao umbroso arbusto, condenado ao tombo funéreo sem o albergue do contraditório; ou tal qual as águas que se atiram campo afora quando a taipa do açude se rompe após a chuva continuada.

Somente o tempo permanece infindo. Nem o sofrimento é assim tão longo. Tudo existiu antes, e tudo volverá a existir. Tudo retorna sem cessar. Pois, dia desses, dos tantos que se acumulam na minha passagem frugal por este mundinho padecido, descobri, sem o menor intento da busca, mais duas rugas. Partem da testa, uma de cada lado da fronte, traçado oblíquo, em direção aos meus olhos já calvos de brilho. Não as notei quando se revelavam. E penso mesmo que nasceram com os contornos e outonos que têm hoje, caracteres definitivos enquanto eu sustentar algum legado genético. Quando acordo, elas estão lá, salientes, provocativas. Depois, vão se encolhendo até se guardarem mais para perto do final da tarde, mas deixando um sinal codificado de que voltarão assim que o repouso debandar.

Rios, margens e pequenos povoados desenham agora minha face e me impõem cautela para percorrer outros territórios. A ordem estabelece sensatez para meu ímpeto de abrir trágicas janelas (sem medo) e beijar todas as bocas que não tiveram pão (sem pressa). Há o temor enfartante de que se feche o

mercado, o banco, o sinal, e eis que me acho remoendo emoções partidas e desejos adiados, sem perceber que começou outro inverno.

Eu sinto que estas carquilhas acusatórias se encontram a me dizer, do alto de uma tribuna de espinhos: se aqui estamos, mais cedo do que a hora provável, é porque você deveria ter estudado menos e ensandecido muito, e acreditado em Papai Noel mesmo depois de ter sido um deles. Dentre todas as vezes em que ficou parado, estático, deveria ter ido. É isso que as rugas delatam: limitações.

Não me é mais possível pegar a mochila e participar de um intercâmbio cultural, no norte do Canadá; já tirei da cabeça a idéia de escalar o Aconcágua pelo paredão adverso. Os sulcos trazem consigo ceticismo e convicções. O tempo fez um rasgão, também, na minh'alma e por ali escoo o caldo de pureza que me restava, pois hoje não acredito em duendes e que o sol nasça para todos.

A descoberta disso tudo, invisível aos olhos, foi a que mais me doeu. Assim é o tempo bandido! Máquina de moer sonhos. Dono das nossas lembranças incensadas, das nossas omissões e lamentos. Senhor das nossas angústias tão íntimas. Fundador das nossas rugas.

Afif Simões Neto
JUIZ DE DIREITO

DETALHE DE INTENSA ATIVIDADE, AQUARELA SOBRE TELA, 110 x 120 CM | MYRIAM DUTRA





CAROLINA SOCKS, ACRÍLICO S/ TELA, 100x80cm | SÔNIA HEINZ

ANTES DA PÍLULA...

Escrever é preciso.
É um bom tratamento.
O que escrevo é a visibilidade do outro que me
habita.
E então eu posso ver o inimigo.
Desarmá-lo com o absurdo.
Fazê-lo rir.

Não há na escrita o mesmo risco do pensar.
Aqui não enlouqueço, pois os pensamentos
são transpostos.
Eu posso expulsá-los e
então aprisioná-los em letras.

As palavras são algemas bem apertadas
para esses pequeninos criminosos.
Eles não fogem porque brincam até cansar.
Dançam entre as curvas dos esses,
pulam dos travessões dos tês,
se escondem debaixo das linhas,
até que se esquecem de brigar.

Mas o que é mesmo bonito
é vê-los afoitos, amigos,
a mergulhar nas águas dos ós.

Cleber Augusto Tonial
JUIZ DE DIREITO

TEMPO.

Desperto.
De repente me pego pensando./ Estremeço.
Sinto que tu fluis por entre meus dedos, num des-
perdício incessante.
Te estancar não posso.
Quem és tu, inabalável certeza?
Implacável, tomas de mim o que de melhor tenho.
Roubas, minuto a minuto, em silêncio, a vida.
Penso. Tenso. Temo.
Tu me conduzes ao encontro do fim, ao destino.
Te recuso.
És amigo da morte, aquela que te fez fiel e in-
separável corcel.
Gostaria de ombrear contigo; não ser teu servo.
Inutilmente, tua paternidade não reconheço.
Quisera eu um dia poder afastar-te de mim, sombra
indesejável.
Ilusão.
Sei que um dia me vencerás.
Me confundes, pois já não sei se tu és,
ou se sou eu, na verdade, aquele que passa.

Paulo A. Kretzmann
DESEMBARGADOR DO TJRS

VIAGEM TRÁGICA OU MÁGICA?

Não era uma vez. Foram inúmeras as vezes em que Ava, apesar de adulta, imaginou viver em contos de fadas, movida pelo fascínio que a literatura infantil lhe despertava. Suas fábulas preferidas? Certamente não estavam entre as que a princesa, adormecida ou não, espera pelo tradicional “príncipe azul”. Na realidade, a que mais a encantava e instigava era uma de aventura, julgamento e coelho apressado, com relógio na mão, correndo contra o tempo!

Adivinharam qual era? O tão sonhado “país das maravilhas”, longe da “terra do nunca”, para o qual Ava viajava, transformando-se em Alice. Lá, tomava todas as “bebidas mágicas” que apareciam pelo caminho e a faziam sentir ora muito pequena, ora grande demais, até que, após muitas tentativas e frustrações, conseguia, com a ajuda do cogumelo, alcançar uma medida mais confortável.

Porém, num dia nublado, Ava recebeu um e-mail do amigo Aladin, que a fez pensar por um longo período, abrindo sua mente, espírito, coração, enfim, as asas da imaginação! Sabem como? Ele a convidou para uma fantástica viagem em seu tapete mágico, em direção a um universo desconhecido por Alice. A simples possibilidade de partir rumo a novas experiências, mais leves e livres, mudou o destino de Ava e sua forma de se ver e sentir.

Depois de muito refletir e resistir, concluiu que havia cansado de ser Alice, resolvendo trocar a ação e o movimento daquele país, pela emoção e o envolvimento de um outro mundo, mais distante e fascinante. Quanto ao julgamento realizado pelo rei e pela rainha, seria totalmente eliminado de sua vida, dando lugar ao desprendimento próprio de um modo de ser e viver diverso e múltiplo, com liberdade e plena autonomia.

E o que aconteceria com o eterno sentimento de inadequação de Alice, que a fazia se sentir permanentemente ameaçada por uma limitação infinita e predatória de si mesma? Seria substituído pela sedução das palavras, de contos misteriosos e excitantes, em mil e uma noites! A partir de então, um novo mundo de emoções, sentimentos e magia se descortinaria na vida de Ava, possibilitando que flutuasse em rios de águas profundas, repletas de delírios e paixões que palpitavam em seu interior e transbordavam mundo afora.

Anelise Haase de
Miranda
JUÍZA DO TRABALHO



31

TÉCNICA: GOMA BICROMATADA COLORIDA,
PRIMEIRA EXPERIÊNCIA
SUPORTE: PAPEL
MONTEVAL 29 X 58 CM |
MÔNICA RUSCHEL

LEGADO

A claridade do sol da manhã refletida na parede branca impedia que Edgar abrisse os olhos por completo. A movimentação ao seu redor, o cheiro de éter e a sensação de que sua cabeça estava envolta num grande turbante de gaze o acordaram para a realidade. Ele estava vivo como não quisera estar, para viver uma vida com que sempre sonhara. Fechou os olhos. Quanto tempo teria se passado desde que, por incompetência, errou o tiro contra o alvo mais certo. Ansioso, lembrou dos momentos que antecederam o que passaria a chamar de vexame.

Acabara de sair do escritório do doutor Eugênio e o barulho do velho ventilador misturado à fala do advogado retumbava em seus pensamentos enquanto caminhava. Com a boca seca e o corpo molhado de suor, sentia-se perdido. Como um estranho visitante sentou-se à sombra, num banco da praça central. Tinha, finalmente, tudo com o que sonhara. Por quantas vezes quis estar naquela praça nas noites quentes de verão. Queria ouvir o ronco dos motores dos carros se aproximando, as conversas, a música alta ao fundo. Porém, acostumara-se a ouvir somente o barulho vazio do mato que, vez por outra, era invadido pelo uivo do vento ou pelo som ritmado dos pingos da chuva. Vivera na fazenda de seus avós durante toda a vida, assim como o fizera sua mãe. Seu avô jamais questionara a vocação ruralista da única filha, para quem deixou a fazenda. Em testamento, dispôs que as terras não se comunicariam ao genro e que a filha, enquanto vivesse, não poderia vendê-las. Em léguas de terras havia espaço para tudo, menos para sonhos. A mãe nunca questionou ou se revoltou com o destino, nem mesmo quando o marido arranjado pelo pai a deixou ainda com Edgar na barriga. Certa vez, quando Edgar já era meninote, ouviu o avô falando a um conhecido:

– O guri já aprendeu a ler e escrever pra cuidar da terra e da criação, mais que isso não precisa. Ele fica aqui me ajudando na lida em vez de perder tempo na cidade com esse negócio de científico.

As notícias do mundo vinham pelo velho rádio e pela televisão que chegara à fazenda há poucos anos com a eletrificação rural. Passada a novidade, Edgar preferia nem ligar o aparelho. As cores e os sons da juventude o irritavam.

Depois que o avô morreu, assumiu com os empregados o cuidado com o serviço do campo. Trabalhava até que o corpo dolorido impedisse a mente de pairar além dos limites da fazenda. Mocinho, quando sentia o sexo intumescer e as têmporas latejarem, avisava à mãe que precisava dar uma saída. Ela pouco falava, mas ele sabia que não poderia deixá-la sozinha por muito tempo. Em menos de duas horas retornava e, a bem da verdade, mais que isso nunca fora preciso.

Volta e meia levava a mãe até a cidade. Calado, esperava na camionete enquanto ela resolvia assuntos no banco e na cooperativa. Certa vez, deixou-a no escritório do advogado. Quando retornou, parecia aliviada.

– Pronto! Quando eu me for tu recebes a fazenda assim como eu. Tá aqui no papel. É tua, mas não pode vender enquanto viver. Vai tratando de arranjar uma mulher e fazer um filho pra deixar o legado pra ele também. Vinte e cinco anos, já tarda.

Nos finais de semana ela o fazia tomar banho, escovar os dentes, se perfumar e pegar a camionete.

– Vai pra cidade e vê se arruma alguma guria. Tem que ser guria de família, moça quieta, que eu não quero vadia aqui dentro de casa.

Ele rumava para a zona. De volta para casa, contava uma história qualquer sobre uma moça que conhecera e que, em breve, juntamente com os pais, apresentaria à velha. Conseguiu manter essa situação por uns bons cinco anos. O sonho de estar entre os jovens da sua idade se transformara em seu maior pesadelo. A possibilidade de aproximar-se de alguém com quem tivesse que trocar mais de dez palavras fazia com que o corpo tremesse inteiro e em seguida brotavam na garganta golfadas de fel. Era incapaz de se imaginar vivendo com uma mulher naquele fim de mundo, condenada a um sofrimento compartilhado enquanto vivesse.

Num final de tarde, ao ver que o céu se tornara pesado e cor de chumbo, anunciando temporal, correu para casa. Esperava a mãe desocupar o banheiro para, enfim, poder refrescar o corpo após a lida. Um estrondo despertou sua atenção. Correu para o banheiro onde, estirado no piso, banhado de sangue e espuma, jazia o velho corpo nu.

Com a morte da mãe, foram-se as poucas palavras trocadas. Em absoluto silêncio, a rotina de Edgar seguia inalterada até que um conhecido, vindo da cidade, avisou que o advogado precisava vê-lo com urgência.

Naquele dia, doutor Eugênio o esperava sorrindo e, sem rodeios, anunciou o motivo do chamado:

– Guri, tenho uma boa notícia. Levei para o juiz o testamento da tua mãe deixando a fazenda pra ti, com a cláusula de inalienabilidade. Pois daí é que o juiz me chama e diz que aquilo não valia mais nada. A lei mudou e, como passou um ano sem que a tua mãe justificasse o impedimento quanto à venda, agora é como se a cláusula nunca tivesse existido. Assim, filho, a terra é tua e podes vendê-la quando quiseres. Inclusive, um cliente já me autorizou a fazer uma boa oferta pra ti.

Atônito, Edgar se despediu dizendo que pensaria no assunto. Caminhou sem rumo, sentou-se no banco da praça e, quando entrou na caminhonete, sentiu que a vida, de repente, tornara-se insuportável.

Marcia Kern Papaleo
JUÍZA-CORREGEDORA

GUERNICA

De novo sozinho
Esperando
E sabotando o sol

Cruz
E espera do toque letal
Lembranças e palcos
– “Deixar um sol”
O resto bem pode levar

Para onde queimam as idéias
Da noite quente

Onde flagelam os suspiros
Onde morrem os Picassos

Fábio Vieira Heerd
MAGISTRADO E PROFESSOR
DA ESM

DESAFIO

Corro o risco
de me dizer vaidosa
Por me saber mestiça
E de virar notícia

Corro o risco
De te dizer ausente
Te fazendo presente
Em cada minuto de saudade

Corro o risco
De me assumir sonhadora
De conviver com a realidade
Sem me sentir impostora

Corro o risco
De juntar em verso
Tudo o que sofri em prosa,
Trazer minha emoção liberta
Fazendo-a gritar silenciosa
E num instante me sentir poeta.

Mafalda dos Santos
TEM QUATRO LIVROS EDITADOS

QUANTO PODE NÃO SE VER...

Não feche os olhos.
Por um segundo,
quanto pode acontecer?
Tanto existe nesse mundo,
tanto pode não se ver.
Até mesmo o amor mais profundo
passa sem se perceber...

Jéssica da Rosa Beck
CURSA A 8ª SÉRIE DO ENSINO
FUNDAMENTAL



O CINEMA POLONÊS FRENTE À LIBERDADE

Falar acerca da produção cinematográfica na Polônia, principalmente no período compreendido entre a II Guerra Mundial e a redemocratização do país no ano de 1990, é analisar os paradigmas estéticos influenciados pelas diretrizes sócio-políticas que se refletiram, também, nas artes visuais, na literatura e na música. O final da II Guerra confere aos poloneses 45 longos anos sob jugo soviético e uma estrada marcada pela censura nos cenários artístico e político de uma nação imersa no colapso econômico e na convulsão social.

Certamente, há muitos representantes do universo das artes polonês dotados de um relevante engajamento com as preocupações sociais pertinentes ao período em que o país viveu à sombra da União Soviética. Todavia, dois cineastas destacam-se por suas leituras sobre a Polônia transmitidas aos espectadores através de obras cinematográficas compostas por metáforas visuais que tornam inoperantes os procedimentos da censura. Andrzej Wajda (1926 -) e Krzysztof Kieslowski (1941-1996), sem dúvida, são ícones do cinema polonês e responsáveis pela estética da Escola Polonesa de Cinema das décadas de setenta e oitenta do século XX, momento derradeiro para o regime socialista das ditas 'democracias do leste' e decisivo para a sua abertura política.

As obras de arte nunca serão um substituto da política. Mas podemos despertar as consciências e comover os corações e, assim, exercer influência, a longo prazo, sobre a política e os políticos, declara Andrzej Wajda na ocasião do recebimento do Urso de Ouro honorário durante o Festival de Cinema de Berlin do ano de 2006. Compreendendo sua obra como um instrumento do despertar de consciência, compõe um dos melhores conjuntos cinematográficos europeus. Desde seus primeiros longas-metragens – *Pokolenie* (Geração, 1955), *Kanał* (Canal, 1957) e *Popiół i Diament* (Cinzas e Diamante, 1958) –, o diretor define o que será sua linguagem e seu compromisso enquanto cineasta nas décadas seguintes. Esta trilogia sobre a II Guerra Mundial parte de uma nova ordem de valores e hierarquia de personagens, resultantes da distorção de roteiros concebidos sobre as virtudes socialistas. Eis o renascimento do cinema polonês.

Anos mais tarde, com a intensificação dos movimentos sociais e o despertar do proletariado para sua condição miserável, Andrzej Wajda roda *Człowiek z Marmuru* (O homem de mármore, 1977), um importante filme sobre a classe operária e o controverso e hipócrita regime socialista polonês. Mateusz Birkut, personagem vivido pelo ator Jerzy Radziwiłłowicz, é um proletário-herói construído pelo governo socialista polonês. Quando Birkut toma con-

sciência de que está sendo manipulado e servindo como instrumento da propaganda do regime, é levado da glória ao completo esquecimento. A obra que dá continuidade à saga do proletariado surge em 1981 em *Człowiek z Żelaza* (O homem de ferro), onde a figura de Birkut é lembrada por seu filho, agora um operário do Estaleiro Lênin de Gdansk em meio à luta pela legalização do primeiro sindicato independente do bloco do leste, o *Solidarnosc* (Solidariedade) de Lech Wałęsa.

O crítico de cinema e amigo pessoal de Wajda, o também polonês Jerzy Plaszewski, declara: *a carreira internacional de Wajda não se baseia apenas em fazer filmes como Spielberg ou Altman, mas em fazer filmes que só podiam ser feitos na Polônia e sobre poloneses.* Neste contexto, cabe avaliar a obra de Wajda, que ainda produz com vigor aos 82 anos de idade, como uma antologia da história recente de seu país. O diretor coloca-se como espectador de seus dramas particulares, ainda que coletivos, repleto de questionamentos morais acerca da sociedade em que vive.

Oriundo da Escola Superior de Cinema de Łódź, assim como Wajda, Krzysztof Kieslowski faz parte de uma geração posterior àquela do diretor de *Geração* e *O homem de mármore*. A escola também responsável pela nova dimensão do ofício de diretor e pela reorganização da indústria cinematográfica polonesa torna-se, em poucos anos, referência no ensino das artes da interpretação e direção cênica e compõe uma das mais importantes referências na arte de vanguarda do século XX. Nesta instituição, criada pelo regime socialista com o intuito de controlar tudo que seria produzido pelos jovens artistas, Kieslowski permanece de 1964 a 1968, ano importante para o movimento social estudantil, tanto nos países da órbita soviética quanto em países do lado ocidental, como a França, onde o diretor vem a fazer carreira nos seus últimos anos de vida.

ANDRZEJ WAJDA



CENA DO FILME CINZAS E DIAMANTES, DE ANDRZEJ WAJDA

Kieslowski é um documentarista nato; sua necessidade de compreender e criticar o colapso da ordem social polonesa torna-se fundamento e compromisso até o final da década de oitenta. O formato documentário é inaugurado, ainda enquanto estudante em Łódź, com o filme de curta-metragem *Urząd* (Repartição, 1966). Esta obra, concebida como um exercício de direção, retrata as barreiras entre as autoridades e o povo e a burocratização do sistema que impossibilita a comunicação entre as partes. Kieslowski opta por mostrar os rostos das gentes que buscam as repartições públicas do país e a voz de funcionários públicos, resultando em um trato caótico e mecanizado entre a sociedade civil – formada por proletários e intelectuais que olham para a mesma direção – e o poder estatal.

Os anos oitenta trazem conquistas pontuais e momentâneas no processo democrático e no movimento sindical polonês. A negociação entre as autoridades socialistas, orientadas pelo Partido Comunista do falido sistema soviético, e os trabalhadores trazem uma nova perspectiva para a política interna e externa. A fundação do sindicato Solidarnosc manteve a sensação de mudança até o general Jaruzelski decretar a lei marcial no dia 13 de dezembro de 1981. Novos tempos difíceis assolam a Polônia, abrindo novas discussões e novas estratégias para os artistas driblarem a censura. Este é o momento da mais relevante e ousada obra de Krzysztof Kieslowski: *Dekalog* (O Decálogo, 1988), série de filmes de ficção inspirados nos *Dez Mandamentos* produzidos para a televisão

CENA DE É TUDO VERDADE | KRZYSZTOF KIESLOWSKI



polonesa. Ao contrário do que, em um primeiro momento, é possível compreender, O Decálogo de Kieslowski não é uma exaltação aos valores cristãos, mas um discurso com um questionamento humanista sobre o momento vivido no país.

Krótki film o Zabijaniu (Não matarás, 1988) é o quinto filme da série e aquele que revela Krzysztof Kieslowski no Festival de Cannes. O diretor do país atrás da Cortina de Ferro torna-se, a partir de então, um dos mais aclamados cineastas universais. “Não matarás” é uma crítica pessimista ligada à história da Polônia. Um jovem errante do interior, sem motivos aparentes, assassina cruelmente um taxista, é levado a julgamento – defendido por um advogado inexperiente – e condenado à morte: assim Kieslowski constrói sua leitura contemporânea para o *Quinto Mandamento*. O jovem Jacek, um personagem desumanizado pelo sistema opressor de um estado paternalista e pouco à vontade com o espaço coletivo, traz discussões sobre a responsabilidade da máquina estatal sobre o cidadão, o direito de defesa e a pena de morte. Coincidência ou não, este filme é exibido na televisão polonesa um mês antes da última execução de sentença de morte na Polônia, no ano de 1988. A pena de morte no país é abolida no país somente com o novo código penal de 1997 e dá mais um crédito para o ingresso da Polônia na União Européia.

A queda do Muro de Berlim em 1989, o desinteresse de Mikhail Gorbachev na manutenção do poder sobre os países da Europa do Leste e as eleições vitoriosas do partido do Solidariedade trazem um novo horizonte para os poloneses e a abertura de um caminho rumo à democracia, que culmina com seu ingresso na União Européia no ano de 2004.

Na edição do mês de abril de 2007 da respeitada publicação francesa *Le Monde Diplomatique*, em sua versão online, encontra-se o editorial sob autoria de Ignacio Ramonet, diretor-presidente da revista, intitulado Fascismo à Polaca. Ramonet versa sobre a onda moralista da extrema direita polonesa do atual presidente Lech Kaczynski, do fundamentalismo cristão que assola o país e, junto a isto tudo, a caça aos ‘ex-comunistas’ e aos homossexuais, o que escandaliza e infringe os princípios de respeito e liberdade cultivados pela União Européia.

A história é cíclica e, depois da calmaria, o mundo sempre está sujeito a novas tempestades. Sendo assim, os artistas sempre terão muito trabalho.

Tiago Halewicz
MÚSICO GRADUADO PELA
UFRGS, PESQUISADOR NA
ÁREA DE CULTURA
POLONESA E CURADOR
ADJUNTO DO STUDIOCLIO

UMA CHANCE PARA O ENTREVISTADO

Eu gosto muito dele, do convidado em programa de entrevistas. Pessoas cultas, inteligentes e atualizadas; ou então divertidas, rebeldes, estudiosas, incomuns ou protagonistas de aventuras diferentes. São pesquisadores, médicos e cientistas. Colecionadores de coisas estranhas, poetas, inventores e fabricantes de perucas; músicos e arquitetos. Jornalistas cheios de histórias, atletas disciplinados, políticos e empresários. Diplomatas, advogados e escritores; escafandristas, porteiros de motel e pilotos de corrida. Ex-fumantes, ex-maridos, ex-mulheres, ex-amantes, ex-deputados, ex-atores e ex-corruputos (epa, me enganei, este personagem não existe!).

Os programas de entrevistas podem ser encontrados em todas as emissoras, mas seus principais redutos estão nos canais transmitidos por cabo; ou então em espaços alternativos, ou, ainda, em horários tarde da noite. Mas estão lá, bem produzidos e impecáveis, com convidados, o mais das vezes, interessantíssimos.

A única dificuldade é que raramente consigo usufruir de uma entrevista inteira, com nexos e respostas completas. Os entrevistadores (ou entrevistadoras) simplesmente não dão chance para os entrevistados e ocupam todo o espaço, poluem áudio e vídeo e se comportam como se alguém ligasse a televisão para ouvir seus monólogos.

O suplício começa pela pergunta, sempre longa, tortuosa, autobiográfica, cheia de gestos, explicativa ao extremo e com a resposta encaminhada. Sim, pois em geral desejam que ele, o entrevistado, diga o que eles, os entrevistadores, pensam. Para atingir tal objetivo – ou ao menos tentar – fazem curvas, digressões e rodeios de toda ordem, deixando um mínimo espaço para o pensamento do convidado.

Segue-se uma resposta que prende a atenção mas que de imediato é cortada por um comentário do dono do programa, que conta alguma coisa de sua vida privada, ou repete uma piada sem graça, ou faz dissertações sem sentido, ou explica a resposta que ainda não foi dada, ou repete a pergunta. Seja como for, a explicação fica a meio. Quando o entrevistado tenta retomar a linha de raciocínio é novamente interrompido, então por uma

segunda pergunta, igualmente redundante e enfadonha. Neste instante, caso seja na televisão, o entrevistador faz gestos vigorosos, enfatiza expressões e, fazendo um olhar inteligente, praticamente insinua que o público não compreenderá qualquer frase que não seja fútil e superficial.

Repete-se o ritual, com mais uma tentativa de resposta adequada; novo fracasso. O entrevistado, a esta altura, tenta antecipar algum ponto especialmente interessante de sua atividade, o que provoca de imediato uma reação hostil do entrevistador, que o soterra com diversas gracinhas, piadas de padrão rasteiro, obviedades em geral e, claro, luzes e câmeras em sua onipresente pessoa.

Em seguida vem o intervalo, antecedido por uma vinheta com o nome do programa e do entrevistador, como se fosse possível esquecê-los. Passamos então para um bom momento, pois são agradáveis os comerciais; relaxam e nos trazem esperanças de ouvir algo aproveitável no segundo bloco. Previsível frustração, é claro, pois eles têm um interesse extraordinário por qualquer coisa que não tenha importância.

O telespectador divide-se entre a vontade de trocar de canal e a esperança de ouvir pelo menos uma resposta do entrevistado. Puro pensamento mágico; as claque dos programas ou gravações de palmas somam-se ao apresentador e fulminam de vez qualquer diálogo.

Por isto é que peço uma chance para o entrevistado; por nós e pelos bons entrevistadores – e temos vários aqui no Rio Grande do Sul – que são jóias raras que trabalham pelo ouvinte/telespectador. Seguros de seu talento indiscutível, dão espaço para o convidado, encaminham as perguntas de forma inteligente e ouvem as respostas.

Tanto quanto do entrevistado eu gosto muito deles, dos bons entrevistadores. E, claro, muitas vezes ligo o rádio ou a TV somente para ouvi-los, pois se o convidado é fraco, tiram leite das pedras e desmentem o lendário Barão de Itararé, fazendo sair algo de onde não se esperava nada.

Não há boa entrevista sem um bom entrevistador, mas certamente existem más entrevistas com ótimos entrevistados.

Túlio Martins
DESEMBARGADOR
E JORNALISTA

SENTENÇA SURREALISTA... *SURREALISTA* (!?)

Em artigos de jornal, petições e até sentenças, é comum encontrarmos frases com a palavra surrealista. Usada como adjetivo, ela substitui, muitas vezes, palavras como irracional, absurdo, louco, alucinado, incompreensível, insensato; isto é, freqüentemente aparece denominando algo insano, surge como um termo depreciativo de alguma coisa ou de algum fato.

Vejamos alguns exemplos:

*"... é indispensável acrescentar que o caso concentra surrealismo e insensatez em elevadas doses. A sentença condenou o Ministério Público Federal a ..."*¹

*"Entrar no gabinete de um ministro do Supremo Tribunal Federal é quase como presenciar uma cena surreal".*²

Ou neste outro:

*"E é aqui que vira um surrealismo só. R. entrou com um processo. [...] Muitas loucuras e absurdos chamam atenção nesta sentença, mas o trecho mais ..."*³

Seguem apenas mais dois exemplos da imensa quantidade disponível:

*"O que se vê na casuística, pois, a demonstrar o surrealismo paradoxal inicialmente referido, é que, além da questão da sentença ser ultra petita, é ... surrealista!"*⁴

*"Decidir em sintonia com a verdade real, seria o mesmo que encontrar numa sentença a seguinte frase surreal: 'isto posto, apesar da prova dos autos indicar que o réu é culpado, sabendo o que eu sei e não está nos autos, absolve-o'".*⁵

Mas afinal, as frases estão erradas? O que é o surrealismo e o que quer dizer que algo é surrealista? Ao procurar os dois verbetes no Novo Aurélio Século XXI encontramos a definição de surrealista como relativo ao surrealismo e surrealismo como uma escola de literatura e arte iniciada pelo escritor francês André Breton em 1924.

¹ WWW.CONJUR.COM.BR/STATIC/TXT/657901

² WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/FOLHA/PENSATA/VALDOCRUZ/ULT4120U3601959.SHTML

³ MANELENATELA.BLOGSPOT.COM/2007/09/SURREALISMO-ISSO.HTML

⁴ WWW.TJAP.GOV.BR/EJAP/MAGISTRADO/DES_CASSIANO-SURREALISMO_PROCESSUAL.DOC

⁵ "PAPEL DO JUIZ A VERDADE FORMAL E A REAL TÊM RELACIONAMENTO HARMÔNICO" REVISTA CONSULTOR JURÍDICO, 5 DE JUNHO DE 2008.

Aprofundando um pouco mais, descobrimos que os pesquisadores do surrealismo alertam sobre a desinformação e confusão acerca do que foi o movimento e do que significam essas denominações. Frisam que é muito mais do que uma escola estética ou um movimento de vanguarda artística porque não se define a partir de considerações técnicas, temáticas, estéticas, artísticas, sendo, isso sim, um movimento com posições ideológicas, um estilo de pensar, um método de vida, uma concepção de mundo, uma ideologia, um estado de espírito com expressões artísticas (na pintura, na poesia no cinema, etc.), ou não.

Esse estado de espírito é definido como uma tentativa de busca dos valores essenciais e permanentes do ser humano, uma procura de valores tendo a liberdade como foco, e o amor e a poesia como meio. Então, salvo se considerarmos esses postulados como absurdos, insanos ou irracionais, parece inadequado usar as palavras surrealista e surrealismo da maneira como vêm sendo usadas, inclusive com relação a temas na área do Direito.

O surrealismo espalhou-se pela Europa, América e Ásia e teve personagens famosos: Luis Buñuel, Salvador Dalí, Joan Miró, Max Ernst, René Magritte, Marcel Duchamps, Óscar Domínguez, e até Pablo Picasso foi considerado surrealista.

Os surrealistas norte-americanos definem o surrealismo da seguinte maneira:

*"... é demasiado anarquista para a maioria dos marxistas, muito marxista para os anarquistas; extremamente amante da poesia e da pintura para os políticos, por demais desejoso de revolução para os escritores e artistas; muito inclinado às pesquisas teóricas para os ativistas, demasiado indisciplinado para os professores..."*⁶

Então, o surrealismo é isso e mais do que isso, é ele mesmo, mas tem sido confundido com suas manifestações artísticas que, desde o início, chocaram o mundo.⁷

A palavra surrealista passou a ser usada de uma maneira indiscriminada e equivocada, algo similar ao que ocorreu com a palavra kafkiano.

Mas, afinal, o que quer dizer exatamente que algo é kafkiano?⁸

⁶ ¿QUÉ HAY DE NUEVO, VIEJO? TEXTOS Y DECLARACIONES DE MOVIMIENTO SURREALISTA DE LOS ESTADOS UNIDOS (1967-1999). LOGROÑO: PEPITAS DE LA CALABAZA ED., 2008, p.21 (trad. NOSSA)

⁷ PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O SURREALISMO VER DE PONGE, ROBERT, O SURREALISMO. PORTO ALEGRE: UFRGS, 1991. DO MESMO AUTOR, SURREALISMO E NOVO MUNDO. PORTO ALEGRE: UFRGS, 1999.

⁸ VER AINDA: VICENTE MOLINA FOX. TODOS SOMOS SURREALISTAS. TIEMPO DE HOY, 01/08/2008

R. D. Castiglioni
DOUTOR EM LETRAS. PROFESSOR
ASSOCIADO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL.

CORAL DA AJURIS

Início

Ocorreu em 1995, na gestão do hoje Desembargador Guinther Spode. Dentre as várias dimensões do DivulgaArte, como pintura, escultura e literatura, o Coral corresponde à área da música, especificamente do Canto Polifônico.

Numa tarde daquele ano, compareceu em meu gabinete, no Foro Central de Porto Alegre, o colega José Carlos Laitano, e convidou-me para assumir a maestria, tendo em conta meu histórico, inclusive, de ex-aluno do Curso de Composição e Regência do Instituto de Belas Artes da UFRGS. Contando com a colaboração inestimável de duas coralistas, Ercy Velloso e Mariza Vasques Duarte, que atuaram na formação do grupo, o Coral da AJURIS iniciou suas atividades e não mais parou, contando com número variável entre 20 e 25 cantores.

Canto Polifônico

Polyphonia, do grego, significa reunião de vários instrumentos ou vozes, executando melodias diversas e, ao mesmo tempo, harmônicas entre si. O Canto Polifônico no Renascimento e Bel Canto no século XIX surgiu na Idade Média, contrastando com o homofônico. Caracteriza-se pela ornamentação da melodia, com vozes humanas, executando frases musicais diversas, com absoluta combinação interativa (harmonia). É diferente da orquestra. Nesta, há apenas polifonia de sons instrumentais. O canto é a emissão melodiosa da voz humana. Nele há sons e palavras,



as quais são o talhe das idéias. Elas transmitem mensagens explícitas, e não apenas sugeridas como acontece quando existem apenas instrumentos. A voz humana, por sua vez, é a mais bela melodia da natureza, pois não é simples vibração de moléculas, mas de alma e coração.

Por isso, valendo-se de vários elementos típicos da arte, e funcionando de modo inteligente, e as mensagens transmitidas de modo interpretado, sentido, o Canto Coral potencializa a aptidão de causar prazer estético, atingindo o objetivo máximo: despertar emoções máximas.

Juntando-se instrumentos e vozes, especialmente quando de natureza sinfônica, o resultado musical significa o clímax do gênio humano em termos de perfeição, de prazer estético e de capacidade de emocionar. É exemplo disso a IX Sinfonia, de Beethoven, conhecida como Coral, quando soma orquestra e canto polifônico, na Ode à Alegria, poema de Schiller; idem o Aleluia, de Haendel.

Caderno de Vida

Em 13 anos, o Coral da AJURIS escreveu alentado caderno de vida fazendo de 12 a 15 apresentações por ano, em eventos institucionais da AJURIS, na Capital e no interior, em solenidades oficiais nos Tribunais de Justiça, Eleitoral e Regional Federal da 4ª Região. Dispõe de repertório litúrgico específico, desenvolvido em razão da assiduidade dos convites na Catedral Metropolitana e nas Paróquias das Dores, do Menino Deus, São Luiz, São Francisco, São Sebastião, Da Paz, Nossa Senhora Aparecida, Sagrada Família e Divino Mestre.

De igual modo, com repertório adequado, no Foro Central, nos shoppings Praia de Belas e Iguatemi, no Asilo Padre Cacique e no Lar Santo Antônio dos Excepcionais, nos Hospitais de Clínicas e Santa Rita, nos Colégios Sévigné, IPA (Centro Universitário Metodista) e Bom Conselho. Apresentou-se em cidades do interior gaúcho, participou de encontros de corais e lançou disco com melodias natalinas, edição esgotada.

Segunda Edição do CD Rosas de Natal

Juntamente com este Caderno de Literatura, está sendo lançada a segunda edição do disco Rosas de Natal, com 17 faixas, sendo oito delas diferentes do rol anterior e três canções inéditas, com modernas equalização e masterização.

Irineu Mariani,
DESEMBARGADOR DO TJRS E REGENTE DO
CORAL DA AJURIS



Quem tem Banrisul tem tudo.



» Tudo para o agronegócio.

- Agroconta
- Banriagro
- Convênios

» Tudo para os seus projetos.

- Crédito Imobiliário
- Crédito Pessoal
- Crédito 1 Minuto
- Cheque Especial
- Financiamento de Veículos
- Crédito Consignado
- Consórcio

» Tudo para a galera.

- Conta Universitária
- Cartão de Crédito, Banricompras e Talão de Cheques
- Conta Jovem
- Mesada Eletrônica

» Tudo para vender mais.

- Garantia total do recebimento de vendas
- Antecipação de recebíveis
- Mais segurança
- Mais agilidade no atendimento

» Tudo para a sua empresa.

- Cobrança Banrisul
- Conta Empresarial
- Capital de Giro Banrisul
- Office Banking
- Linhas de Financiamento

» Tudo para a sua comodidade.

- Home Banking
- Office Banking

» Tudo para o seu imóvel.

- Tudo para reformar, comprar ou construir
- Ótimas taxas
- Facilidade e rapidez

» Tudo para o seu investimento.

- CDB Pré-Fixado
- CDB Pós-Fixado

» Tudo para as suas compras.

- Banricompras - três opções de pagamento: à vista, pré-datado e parcelado
- Isento de tarifas, anuidades e taxas adicionais

Só
cliente
Banrisul
tem



Aceito em
mais de 66 mil
estabelecimentos.

www.banrisul.com.br

Internet Banking com toda a segurança do mundo.

 **Banrisul** **80**
Quem tem Banrisul tem tudo. ANOS



UM CLAMOR À APROXIMAÇÃO

*É a cultura que possibilita ao homem humanizar-se
e conceber o mundo do qual participa
– e onde emite julgamentos –
de forma mais ampla e completa.
É através da cultura que ele escapa do labirinto,
escala a montanha e divisa o vale;
além do vale, o rio;
e depois do rio.
É através das manifestações culturais que o artista recolhe
o fazer do povo,
as suas dificuldades, as suas aspirações, o seu trabalho, sua política.
Depois o artista juiz pensa essas revelações
e as devolve como um todo, estabelecendo a síntese,
julgando mais próximo da realidade.
Os que saem dos gabinetes contribuem para que
o mundo fique melhor.
Isso é o programa DivulgaArte.
Um abrir caminhos.
Um clamor à aproximação.*

Carlos Cini Marchionatti
PRESIDENTE

Vanderlei Deolindo
VICE-PRESIDENTE CULTURAL

José Carlos Laitano
DIRETOR DO DEPARTAMENTO CULTURAL



AJURIS

Associação dos Juizes
do Rio Grande do Sul

PROGRAMA
DivulgaArte